

Caminho Sinodal: Espiritualidade Inaciana

Sr. Jolanta Kafka, RMI, Superior Geral e Presidente da UISG

Rev. Pe. Arturo Sosa, SJ, Superior Geral e Presidente USF

Introdução

Teceremos juntos esta apresentação porque acreditamos que um dos sinais do caminho sinodal da vida religiosa é reforçar as experiências de comunhão.

Uma das fortes contribuições para uma espiritualidade sinodal é o **discernimento dos espíritos**. Certamente existem diferentes escolas na história da espiritualidade, mas vamos nos deter na contribuição que deu S. Inácio de Loiola com a sua vida. E isto, tanto no nível **pessoal**, como **comunitário e eclesial**.

Ainda que seja conhecido como um **método**, deve tornar-se um modo de viver, uma atitude, se quer se integrar na espiritualidade. E esperamos que toda a Igreja, todos os discípulos de Jesus aprendam seu caminho de fé nesta escola de discernimento.

Apresentamos a nossa reflexão em duas partes. Na primeira parte concentrar-nos-emos nos **elementos chave do discernimento dos espíritos em comum**. Na segunda parte nos centraremos **em sua relação com a sinodalidade**.

Primeira parte: Os elementos chave do discernimento dos espíritos em comum.

O primeiro elemento chave: **Deus se comunica**

Deus se comunica e dialoga com os seres humanos e age na história humana [EE 15.16]. Mas trabalha de maneira muito precisa, a partir do mistério da Encarnação. Deus encarna no “profano”; entra na história e, ao mesmo tempo, se esconde. Encontraremos Deus na realidade humana, no sentido mais amplo possível e não fora dessa. E isso nos é dito por Jesus quando afirma: *“E estarei convosco até o fim dos tempos”* (Mt 28, 20); ou *“onde dois ou três se reúnem em meu nome, eu estou n meio deles”* (Mt 18, 20); e depois Paulo afirma: *“porque n’Ele foram criadas todas as coisas. Ele existe antes que todas as coisas e tudo subsiste n’Ele”* (2 Cor 5, 19; Col 1, 20). Ninguém viu Deus, mas Deus se manifestou, se encarnou, se fez homem. Esta “manifestação” é uma descida de Deus em direção à humanidade. Deus se comunica, e o modo como se comunica é Jesus (Jn 1, 14-18). Ele é a referência central no discernimento dos espíritos.

O segundo elemento chave: **Uma vida espiritual integral**

Deus se comunica, mas para acolhê-lo é necessário um ambiente. Por isso falamos do segundo elemento chave do discernimento que é **uma vida espiritual**. Não se pode passar a um discernimento dos espíritos sem um ambiente e um clima de espiritualidade integral. Mas, quando falamos de discernimento comunitário, isto implica a existência de uma comunidade em caminho espiritual. É a dimensão que S. Inácio chama “sentir com a Igreja” [EE 352-370] que se realiza tanto numa comunidade concreta como na comunhão dos que creem. O cristianismo não existe senão através de uma comunidade, uma comunidade que se nutre da Palavra, sobretudo do Evangelho. Isto implica uma dimensão formativa. S. Inácio nos recorda constantemente o conhecimento e interiorização da Palavra de Deus. E este conhecimento chega através da leitura assídua do Evangelho que, gradualmente, se torna numa leitura orante, contemplativa e encarnada, não só exegética [EE 2].

Além disso, nutre-se da Eucaristia, uma Eucaristia feita vida, que conduz à familiaridade constante com Jesus através da união com Ele na fé da assimilação de seus sentimentos, de suas opções, de seu modo de viver na obediência ao Pai, na busca de sua vontade e no anúncio do Evangelho (Lc 24, 13-35). Esta comunidade faz parte da grande comunidade da Igreja, estendida até os confins do mundo, abarcando toda a humanidade e toda a história. A comunhão eclesial, com a sua diversidade e com as suas diferentes expressões abarca também aqueles que não acreditam, porque em todos reside a semente da verdade.

O terceiro elemento: **O sujeito**

O terceiro elemento chave é o **sujeito** que discerne os espíritos. É a pessoa, quando se trata de uma eleição pessoal; o sujeito fala de uma pessoa decidida, em sua busca e vontade que se orienta para Deus. Uma pessoa que tem autoconhecimento, que é consciente dos movimentos interiores,

que chamamos vários “espíritos”, normalmente expressões de desejos, afetos e aspirações. S. Inácio nos convida constantemente a aprender a ler os movimentos interiores.

A espiritualidade inaciana é uma espiritualidade das moções interiores, portanto, não é uma espiritualidade centrada na razão, mas nos afetos. Esta conduz a uma “liberdade interior”, com um processo de libertação, com o único objetivo de ser indiferente para estar verdadeiramente disponível à vontade de Deus [EE.23]; desejando e elegendo verdadeiramente só a vontade de Deus e pondo os meios, tanto quanto ajudam a colocá-la em marcha.

Quando se trata da comunidade que discerne, o **sujeito** deve também conformar-se consciente e intencionalmente. A comunidade que discerne em comum deve criar as condições de escuta, de reciprocidade e de respeito à diversidade; também deve criar espaço de referência que deve ser protegido das intervenções externas. Uma comunidade a caminho da liberdade para buscar e encontrar a vontade de Deus [EE. 1], capaz de ler os sinais dos tempos através dos quais o Senhor se comunica, discernir os movimentos dos espíritos em seu interior e eleger o caminho indicado por Deus (como experiência de Êxodo). Não basta sentir, escutar; é preciso compreender quais os movimentos do espírito surgem na comunidade. Saber ler estes movimentos é talvez a maior dificuldade para uma comunidade em discernimento, como o é para uma pessoa. No entanto, a única maneira de avançar é por em prática estes processos.

O discernimento dos espíritos...

- Não pode ser um processo de análise do qual tiremos conclusões, comprovemos as opiniões e sigamos adiante. A busca da vontade de Deus não se baseia em acordos, mas na experiência de deixar-se conduzir pelo Espírito. Se o Espírito atua – e atua sempre – temos que estar preparados para acolhê-lo; e recordar que sempre se manifesta na comunhão.

- Não é um “método pragmático de proceder” para tomar decisões racionais. É um instrumento de exercícios espirituais para ler os sinais dos tempos e os sinais no interior da comunidade eclesial. [cf EE. 175-188]

É muito importante preparar o terreno para os tais exercícios, e de fato, a Igreja está iniciando um processo sinodal em que afirma claramente que não se pode falar de discernimento sem uma renovação constante da vida, aquilo que S. Inácio chama uma “reforma permanente da vida” [cf. EE. 189.343]. Aqueles que se unem e entram no processo devem também sentir-se interpelados por esta mudança pessoal para poder aderir ao caminho da comunidade. Isso é a **conversão**.

Além disso, a comunidade deve deixar-se interpelar e compreender o que deve mudar para estar disponível para captar a ação de Deus em seu meio. Um caminho de conversão comunitária é o húmus necessário para identificar o que vem de Deus e o que não vem de Deus.

O objetivo deste processo é fazer uma leitura, uma “Lectio Divina” da realidade, da vida, à luz da Palavra, para trazer a vida de Jesus ao presente, de forma renovada, no meio da vida da Igreja, no meio da vida do mundo. Recordamos a definição da formação permanente que tantas vezes temos escutado do Padre Amadeo Cencini, canossiano. Dizia que consiste em assimilar, pôr em prática os sentimentos de Jesus, na configuração com Ele. Mas podemos dizer que, em virtude do Batismo, este é o caminho de toda a Igreja e, portanto, de todos os discípulos de Jesus. É verdade que só em comunhão é possível discernir os espíritos, e só com o sentir comum em Cristo.

A palavra comunhão apareceu várias vezes esta manhã, e claro que é fundamental. No entanto, comunhão, “o sentir comum”, não significa homologação. Ajuda-nos a expressão que o Papa Francisco usa muitas vezes, impregnada da identidade inaciana e da influência de Guardini. Diz-nos como o sentir comum não vai contra as diversidades, nem sequer contra as contradições: o sentir comum é orientar o coração em direção ao bem comum, que é o bem de Deus. “O todo é mais que a parte”, o tempo é melhor que o espaço porque há sempre um horizonte em evolução. (cf. EG 235-236)

O discernimento nem sempre chega a um ponto preciso e depois acaba tudo, mas evolui, porque inclusive na aplicação dos frutos do discernimento, Deus continua falando e agindo. É um processo. O discernimento não se limita a encontrar a vontade de Deus. São Tomás propõe um passo interior e relacionado com a eleição. Seguir a vontade de Deus surge de um prévio “sintonizar-se” com a inspiração do Espírito Santo e

da consciência de um ato de liberdade para dizer *“também eu quero. Faça-se em mim segundo a tua vontade.* (Lc 1, 38)

Não é fácil chegar ali, mas este caminho deixa sinais e frutos nas pessoas, nas comunidades e que nos são familiares: os frutos da humildade, gratuidade, maior liberdade interior, mais compaixão pelos pobres. O fruto deste caminho é o “Magis” inaciano, como um dinamismo que se instaura na pessoa e na comunidade de aspirar a uma fidelidade cada vez maior e integral no seguimento de Jesus, o Evangelho.

Segunda Parte: A espiritualidade sinodal

A espiritualidade sinodal inclui o discernimento dos espíritos em comum. O que faz com que a comunidade eclesial seja “Povo de Deus” é precisamente seguir Deus. É Deus quem faz o caminho com o Povo, Deus indica o caminho e acompanha ... só quando existe esta sintonia com a sua Presença e a Palavra se pode falar de Povo de Deus.

Este Povo de Deus é um povo de batizados, e em virtude deste sacramento somos radicalmente iguais em nossa vocação de discipulado e de cuidado da comunidade, como profetas, reis e sacerdotes. Todos somos discípulos de Jesus Cristo e todos somos chamados a ser aquele que dão testemunho da fé para que outros se tornem discípulos. Todos somos chamados a “aprender” como discípulos. Juntos crescemos e todos somos chamados a cuidar-nos uns dos outros (Gv 10, 1-18) pela nossa participação no Mistério de Deus.

Conhecer como Deus atua na história

Para crescer na comunhão do Povo de Deus temos necessidade de conhecer como Deus atua normalmente na história. A Palavra de Deus nos revela um Deus que guia humildemente, precedendo, chamando, desafiando, caminhando conosco. O discernimento é uma resposta para buscar e encontrar o modo de agir de Deus em todo momento.

O caminho sinodal quer renovar a experiência radical desta comunhão de Deus com o seu Povo em chave de **Aliança**, como pertença: *“Estamos decididos a pôr em prática tudo o que o Senhor disse”* (Ex 19, 8) e de **família** de Jesus, como relação: *“meus irmãos são aqueles que buscam a vontade de Deus e a cumprem* (Mt 12, 46-50).

O discernimento nutre as duas dimensões da comunhão eclesial.

Sinodalidade e democracia

A sinodalidade não é uma democracia no sentido dos sistemas políticos liberais do ocidente. É muito importante entender bem como se tomam as decisões sinodais. Esta é uma questão que deve ser esclarecida desde o início dos processos deliberativos. A escuta deve ser universal, mas o estilo das democracias liberais (a maioria tem a última palavra) não serve para o discernimento dos espíritos nem para a edificação do Povo de Deus. Não pode se reduzir a um jogo de poder de minorias e majorias. (cf. A história de Susana e o papel de Daniel em Dan. 13).

Por outro lado, seria muito importante recordar que quando falamos do caminho sinodal neste contexto de discernimento de espíritos em comum, é necessário definir os limites dentro dos quais, protegidos dos grupos de pressão, se realiza o discernimento. A atitude de abertura à fé e à liberdade de que falávamos no início é básica para garanti-lo. Se assim for, o discernimento informa e alimenta a comunidade dos que creem; e a comunidade daqueles que creem, em sua participação consciente, torna o discernimento possível e frutífero. Este processo se torna um dom que transforma cada fiel em sua experiência de fidelidade a Deus.

Assim como podemos contribuir, partir da espiritualidade inaciana, neste caminho sinodal da Igreja, sentimos que todos os carismas e dons espirituais que Deus suscitou ao longo dos séculos, chegam à sua maturidade, à sua plenitude, colocando-se ao serviço uns dos outros, cada um com a sua beleza e particularidade. Cada carisma tem sua própria contribuição, sem comparações entre ideologia ou estruturas.

Concluimos esta conversação com a passagem de Lucas 22, onde nos recorda: *“mas, entre vós não deve ser assim”* (Lc 22, 26), não como aqueles que dominam. O Povo de Deus que discerne, educa e pede um estilo de governo baseado no serviço e não na dominação dos poderosos sobre os outros. *“Que não seja assim entre vós”* (Lc 22, 25-27).